

- Souto, M. (1999) *Grupos y Dispositivos de Formación*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, UBA y Ediciones Novedades Educativas.
- Stake, R. E. (1998). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata
- Wittrock, M. (1989). *La investigación en la enseñanza. Tomos I, II y III*. España: Paidós.
- Zabalza Beraza, M. A. (1991) *Los diarios de clase .documento para estudiar cualitativamente los dilemas prácticos del los profesores*. Universitas. Barcelona.

6.117.

Título:

A formação docente por meio dos clássicos: Tomás de Aquino, um exemplo

Autor/a (es/as):

Santin, Rafael Henrique [Universidade Estadual de Maringá]

Boveto, Laís [Universidade Estadual de Maringá]

Resumo:

O estudo da História da Educação é fundamental para a formação de professores. Conhecer a história é, de acordo com os princípios da história social, condição para compreendermos os homens e o modo como relacionam-se entre si. Nessa perspectiva, concebemos o professor como um profissional responsável pela formação intelectual e moral dos alunos. Este processo culmina na preparação de pessoas que assumirão diversos papéis na sociedade. Nesse sentido, o conhecimento da história se constitui, para o professor, um saber essencial para refletir sobre o ideal de homem a ser formado. Neste texto analisamos a relação entre amor e educação na obra de Tomás de Aquino (1225-1275). Por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da história social, procuramos compreender o pensamento de mestre Tomás numa perspectiva de totalidade, de modo que possamos aprender com a história. Estudaremos três Questões (q. 26, 27 e 28) da primeira seção da segunda parte (I^a II^{ae}) da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, que tratam do amor como paixão da alma. Analisaremos alguns Artigos relevantes para a compreensão dos nossos objetivos. Tomás de Aquino, teólogo e mestre universitário, do século XIII, é considerado pela historiografia como um dos mais importantes pensadores medievais (NUNES, 1979; LIBERA, 1990; GILSON, 1995; OLIVEIRA, 2005). Suas obras expressão o amadurecimento da Escolástica, filosofia própria da Idade Média (OLIVEIRA, 2005). A *Suma Teológica*, sua obra principal, é considerada como um importante tratado acerca da natureza humana, além de ser um modelo metodológico medieval – as Questões são exemplos de como

eram os debates universitários daquela época (LIBERA, 1990). As Questões 26, 27 e 28 integram o tratado sobre as paixões da alma, no qual o autor analisa as paixões em geral. Entre as paixões da alma, o mestre Tomás define o amor como a primeira na ordem das paixões, constituindo-se como o princípio da ação humana. Para o autor, este sentimento pressupõe o conhecimento, posto que não se pode amar o bem se ele não for conhecido. Além disso, o homem não determina o que lhe convém e o que não convém pelas paixões, mas pela reflexão e pelo conhecimento. Para Tomás de Aquino, o amor aperfeiçoa somente o homem que ama o que lhe convém. A educação, nesse sentido, figura como um processo essencial para que o indivíduo possa refletir sobre sua ação, já que é por ela que amadurece suas potencialidades humanas. Dentro dessa perspectiva, a pessoa para ser professor precisa do amor e do conhecimento. O amor entendido como pressuposto do bem. Com efeito, na perspectiva do mestre e da nossa é imprescindível ao professor possuir essas duas virtudes, o conhecimento e o bem. Por isso, este trabalho se insere no eixo geral do evento, pois ao estudarmos as questões tomasianas procuramos aprender com elas lições sobre a formação de professores no século XXI.

Palavras-chave:

História da Educação. Formação de Professore. Tomás de Aquino. Amor.

Uma primeira análise das Questões tomasianas permite perceber a forma como o autor elabora o texto. As ideias são apresentadas na forma de disputa, prática fundamental do método escolástico de ensino (NUNES, 1975, p. 249-250). Com efeito, o método escolástico se estruturava, principalmente, a partir da *lectio* e da *disputatio*. A primeira consistia na leitura e comentário das autoridades, a segunda, era um debate conduzido pelos mestres e bacharéis da Universidade.

Libera (1990, p. 30), historiador do século XX que estudou a filosofia medieval, afirma que a *Suma Teológica* apresenta a seguinte característica metodológica:

A Suma Teológica de Tomás de Aquino é o protótipo do questionamento do saber na unidade de trabalho do “artigo” (articulus), que, em sua própria estrutura, retoma a forma da questão disputada (M.-D. Chenu). Entretanto, o pensamento que se desenrola na Suma debate-se consigo mesmo: a objeção não é a simples oposição retórica de uma antítese a uma tese, é a mola de um dinamismo da interrogação, exprimindo um esforço do pensamento sobre si mesmo. O sed contra não tem menos força que os argumentos inicialmente evocados em favor da tese defendida. Também o respondeo (discendum), que vem “determinar” a questão, toma em geral a forma de uma distinção que permite achar na posição adversária a parte de verdade que a fundamenta. O artigo é pois o contrário exato de uma “tese” (thesis), é e

permanece sendo uma quaestio que, ao mesmo tempo em que fornece uma resposta, propõe algo que possa medir o seu alcance.

As Questões tomasianas são, pois, exemplares do método que Tomás de Aquino contribuiu para aprimorar. Este método destaca-se, conforme Lauand (2004, p. 4-6), pela sua dinâmica: há um tema que é desenvolvido em artigos; parte-se sempre de uma possibilidade de resposta; dá-se voz ao adversário; estabelece-se uma síntese que é a resposta possível no contexto do debate. Este movimento revela que as disputas medievais primavam pelo diálogo entre diferentes posições para chegar-se à verdade, ao conhecimento.

Esta sistematização do método escolástico no século XIII, analisada por Lauand (2004, p. 4-6), insere-se num processo mais abrangente de desenvolvimento do pensamento escolástico, filosofia própria da Idade Média (OLIVEIRA, 2005). De acordo com Oliveira (2002 e 2005), esta filosofia originou-se ainda no início do período medieval, com Boécio (século VI), e modificou-se bastante ao longo de toda a Idade Média até chegar ao apogeu, no século XIII, no interior das Universidades, principalmente por obra de Tomás de Aquino. Esta forma medieval de pensar tem como fundamento a conciliação entre razão e fé, duas naturezas distintas de conhecimento que convergem para uma verdade total.

É relevante, também, ressaltar que as Questões tomasianas foram elaboradas numa nova instituição da cristandade medieval: a Universidade. Verger (2006) afirma que as Universidades surgiram no século XIII como corporações de ofício e logo afirmaram-se como *studium generale*⁴⁷, isto é, como uma instituição voltada para o estudo e o conhecimento, para a defesa daqueles que contribuíam para o progresso do saber naquela época. Desde o início, a Universidade dividia-se em faculdades (artes, teologia, direito e medicina) e nações (que reuniam mestres e estudantes, geralmente, provenientes de uma mesma região, que frequentavam as faculdades).

As Universidades se estabeleceram nas cidades, que se tornaram muito importantes para o Ocidente medieval no século XIII. Le Goff (2005, 2006 e 2008) afirma que as cidades medievais desenvolveram-se entre os séculos XI e XIV conjuntamente com o aprimoramento do sistema feudal e com o renascimento comercial. Segundo ele, embora muitas cidades medievais tenham se estabelecido sobre antigos centros urbanos, trata-se de um processo diferente de urbanização:

A cidade medieval é, antes de mais nada, uma sociedade da abundância, concentrada num pequeno espaço em meio a vastas regiões pouco povoadas. Em seguida, é um lugar de produção e de trocas, onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma

⁴⁷ Essa expressão foi cunhada, segundo Verger (2006, p. 579), pelos canonistas do século XIII para designar as Universidades, pela novidade que representavam àquela época.

economia monetária. É também o centro de um sistema de valores particular, do qual emerge a prática laboriosa e criativa do trabalho, o gosto pelo negócio e pelo dinheiro, a inclinação para o luxo, o senso da beleza. É ainda um sistema de organização de um espaço fechado com muralhas, onde se penetra por portas e se caminha por ruas e praças, e que é guarnecido por torres. Mas também é um organismo social e político baseado na vizinhança, no qual os mais ricos não formam uma hierarquia e sim um grupo de iguais – sentados lado a lado – que governa uma massa unânime e solidária. Face ao tempo tradicional, enquadrado e ritmado pelos regrados sinos da Igreja, essa sociedade laica urbana conquistou um tempo comunitário, em que sinos laicos indicam a irregularidade das chamadas à revolta, à defesa, à ajuda (J. Rossiaud) (LE GOFF, 2006, p. 223).

Le Goff (2006) descreve de maneira genérica o fenômeno urbano no Ocidente medieval, marcado por uma multiplicidade de relações. Destaca-se a organização política, dominada pelos comerciantes e artesãos que se movimentavam em favor do desenvolvimento sócio-econômico da cidade face aos interesses dos senhores feudais.

Oliveira (2008), em *O ambiente citadino e universitário do século XIII: lócus de conflitos e novos saberes*, analisa obras de dois historiadores que estudaram o processo de constituição das cidades medievais: Guizot, historiador do século XIX, e Le Goff, do XX. Afirma que para ambos as cidades medievais representam um novo ambiente marcado pela diversidade. Nela habitavam religiosos, comerciantes, artesãos, mestres, estudantes, etc. Esta diversidade exigia dos cidadãos uma nova forma de sociabilidade, mais tolerante e que levasse em conta antes os interesses públicos que os privados (OLIVEIRA, 2008). De acordo com a autora, dessa unidade dependia a própria sobrevivência da cidade.

Esse espírito de liberdade e de urbanidade é possível nas cidades em virtude das mudanças de comportamentos, da criação de leis, mas, fundamentalmente, em razão do surgimento de uma compreensão nova de viver e viver em comunidade, proveniente da circulação do comércio e de idéias. Segundo Le Goff “É aí que acontecerão as principais misturas de população, que se afirmarão novas instituições, que aparecerão novos centros econômicos e intelectuais” (2007, p. 144). Um dos aspectos mais profícuos destas mudanças e diversidades é a preocupação com o ensino (OLIVEIRA, 2008, p. 238-239).

As mudanças na forma de ser dos homens com o desenvolvimento das cidades, de acordo com a autora, foram impulsionadas pela “circulação do comércio e de idéias”. Isto quer dizer que as relações

sociais, na cidade medieval, foram marcadas pelo renascimento comercial e pelo movimento intelectual⁴⁸ que culminou no surgimento das Universidades no século XIII.

A autora destaca outra questão fundamental para entendermos as circunstâncias que possibilitaram as discussões tomasianas a respeito do amor e da educação: o nascimento, no século XIII, das ordens mendicantes, principalmente a franciscana e a dominicana⁴⁹:

Os mendicantes apresentaram uma nova mentalidade para a cristandade latina. Ao lado do voto de pobreza que por si mesmo questionava o cristianismo praticado pelos homens da Igreja, pois a ostentação do luxo e os grandes cargos políticos exercidos pelo Alto clero deitavam por terra os ideais de pobreza apregoados pelos primeiros padres da Igreja, os frades mendicantes colocaram no cotidiano do século XIII uma nova maneira de praticar o claustro. Assumiram que deveriam promover uma retomada do cristianismo primitivo pela evangelização da população, ou seja, a missão do frade era pregar e permanecer próximo da comunidade e não isolado no claustro. Para o dominicano Tomás de Aquino, por exemplo, pregar e ensinar deveriam ser as duas grandes atividades do monge mendicante. Assim, os franciscanos e os dominicanos, ao longo do século XIII, assumiram a tarefa de pregar, sendo que os segundos se propuseram a ensinar com mais intensidade (OLIVEIRA, 2008, p. 241).

O primeiro ponto importante destacado pela autora é o fato dos mendicantes terem contribuído para a nova forma de pensar as relações sociais. O ideal de pobreza defendido pelos frades confrontava-se com a riqueza e a ostentação de parte do clero mais próxima do poder. Além disso, os mendicantes estabeleceram-se no seio da comunidade, pois suas funções específicas eram as de pregar e ensinar. Enfim, enfatiza que os dominicanos procuraram dedicar-se mais ao ensino em comparação com os franciscanos.

Oliveira (2008) demonstra que os novos valores urbanos, o surgimento das Universidades e das ordens mendicantes fazem parte de uma totalidade que precisa ser observada no estudo deste período da história.

Outro estudioso da Idade Média que refletiu sobre o surgimento das ordens mendicantes foi Le Goff (2008). Ele afirmou que a atração que as cidades exercem sobre as ordens mendicantes provém de seu próprio desenvolvimento social, econômico e cultural. Ela passa a ser não somente palco dos pecados próprios da vida camponesa, mas emergem outros que acrescentam-se a eles. Os frades exerceriam, então, a função de pregar e ensinar os valores cristãos aos cidadãos: “A cidade é pagã, é preciso convertê-la” (LE GOFF, 2008, p. 178).

⁴⁸ Le Goff (1995), em *Os intelectuais na Idade Média*, discute se houve um renascimento cultural no século XII e, também, o progresso do conhecimento e do ensino no século XIII, com o nascimento das Universidades e com as contribuições dos grandes mestres (Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura etc.). LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁴⁹ É importante ressaltar que Tomás de Aquino tornou-se frade dominicano em 1244, sob oposição da família (TORREL, 2004). TORREL, J.-P. *Iniciação à Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. São Paulo: Loyola, 2004.

Dominicanos e franciscanos compartilhavam os valores da mendicância, mas a expansão das duas ordens deu-se de modo diverso. De acordo com Le Goff (2008), os dominicanos instalaram-se, principalmente, nos grandes centros urbanos da cristandade latina, enquanto os franciscanos preferiram as cidades menores⁵⁰. Contudo, há uma característica clara desse movimento: “[...] o mapa dos conventos de mendicantes se confunde com o mapa das cidades” (LE GOFF, 2008, p. 181).

Acreditamos que todas essas questões contextuais introduzem a discussão do texto de Tomás de Aquino, uma vez que ele viveu este período e sua obra reflete de alguma forma estas transformações que estavam em curso no século XIII, período de apogeu do pensamento escolástico (LE GOFF, 1995; OLIVEIRA, 2005).

*

As Questões principais que estudamos para essa comunicação são as de número 26, 27 e 28, presentes na primeira seção da segunda parte da *Suma Teológica*, que tratam especificamente do amor. Elas fazem parte de um tratado que enfoca as paixões da alma e são precedidas por Questões que abordam as peculiaridades essenciais das paixões da alma e procedidas de Questões que tratam de outras paixões, como o ódio, a esperança e a ira. Esse tratado tem, portanto, a seguinte sequência: as Questões 22, 23, 24 e 25 são dedicadas às paixões em geral; as Questões seguintes (26 à ...) enfatizam as características específicas de cada uma das onze paixões da alma (amor, ódio, desejo, aversão, alegria, tristeza, esperança, desespero, fuga, audácia e ira).

Nosso objetivo é refletir sobre a relação entre o amor e a educação nesses textos de Tomás de Aquino. Nesse sentido, analisamos o conceito de amor presente nas Questões que apresentamos, de modo a evidenciar a importância do processo educativo para o desenvolvimento do homem. Nós não estudamos todos os artigos das Questões em evidência, porque esse trabalho exigiria maior elaboração. Contudo, acreditamos que essas reflexões são fundamentais para a formação docente, uma vez que a História da Educação pode nos ensinar sobre a natureza humana e sobre a complexidade das relações sociais a partir das experiências dos homens do passado.

Desse modo, principiaremos nosso estudo pela análise tomasiana acerca da natureza moral das paixões da alma para, depois, abordarmos a paixão do amor. Mestre Tomás considera o amor como uma das paixões da alma, que não são naturalmente boas nem más. Isso significa que o amor faz parte da totalidade do homem enquanto composto de corpo e alma, pois as paixões da alma são, segundo o autor, movimentos da vontade que impulsionam o homem a agir (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q.

⁵⁰ Um exemplo é o próprio Tomás de Aquino: frade dominicano, ele esteve em várias cidades para compromissos da ordem. Contudo, destacou-se como mestre universitário em Paris, a cidade ocidental mais importante daquela época do ponto de vista cultural.

22, rep.). O amor é caracterizado como a primeira dentre as paixões porque é a raiz das ações humanas.

Nós procederemos às reflexões sobre a natureza moral das paixões da alma a partir da Questão 24 da primeira seção da segunda parte, intitulada *O bem e mal nas paixões da alma*. Como o próprio título sugere, mestre Tomás reflete se as paixões da alma podem ser moralmente boas ou más para o homem.

A ideia essencial desta Questão é a de que as paixões, na perspectiva de Tomás de Aquino, estão relacionadas com a razão, com o conhecimento. Na resposta à primeira objeção do artigo 3 (*A paixão aumenta ou diminui a bondade do ato?*), o teólogo explicita de que modo as paixões estão relacionadas com a razão:

QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que as paixões da alma podem se referir ao juízo da razão de duas maneiras. Uma, de modo antecedente. E nesse caso, quando ofuscam o juízo da razão, do qual depende a bondade do ato moral, diminuem a bondade do ato; pois é mais louvável praticar uma obra de caridade pelo juízo da razão do que apenas pela paixão da misericórdia. – A outra maneira, conseqüentemente. E isso de dois modos. Primeiramente, a modo de redundância, pois quando a parte superior da alma se move intensamente para algo, a parte inferior segue-lhe também o movimento. Desse modo a paixão que existe conseqüentemente no apetite sensitivo é sinal da intensidade da vontade e indica maior bondade moral. – Segundo, por modo de eleição quando o homem pelo juízo da razão elege ser afetado por uma paixão para agir mais prontamente com a cooperação do apetite sensitivo. Assim, a paixão da alma aumenta a bondade da ação (TOMÁS DE AQUINO, ST, Iª IIª, q. 24, a. 3, ad. 1 m.).

Como podemos observar na passagem acima, Tomás de Aquino distingue dois modos pelos quais as paixões se referem à razão. De modo antecedente, a paixão prejudica o homem e, de modo conseqüente, contribui para a bondade de sua ação, pois segue a orientação da razão e não se sobrepõe a ela. É particularmente interessante para nós a afirmação de que a bondade e a maldade da ação dependem da razão. O homem que submete as paixões ao governo da razão tende para o bem e o homem que coloca as paixões antes da razão tende para o mal.

Não podemos deixar de destacar que, para mestre Tomás, os homens conhecem as coisas **sob a razão de bem**, ou seja, nem tudo que o homem considera como um bem é um bem digno de ser perseguido, pois pode acontecer de considerarmos algo mal como sendo um bem. Na discussão que o autor faz a respeito do amor essa questão aparece de maneira bastante clara: “[...] o mal nunca é amado senão sob

a razão de bem” (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I^a II^{ac}, q. 27, a. 1, ad. 1 m.). Nesse sentido, o homem é bom quando orienta as paixões segundo a razão em direção de um bem verdadeiro:

*QUANTO AO 2º, deve-se dizer que as paixões que tendem para o bem são boas se esse bem for verdadeiro, e igualmente as que se afastam de um mal verdadeiro. Ao contrário, as paixões que consistem em afastar-se do bem ou tender para o mal são más (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, q. 24, a. 4, ad. 2 m.).*

Assim, é preciso que o homem desenvolva a reflexão para determinar o que é um bem verdadeiro. A educação, nesta perspectiva, impõe-se como um processo fundamental pelo qual o homem desenvolve suas potencialidades humanas. Em *Sobre o ensino (De Magistro)*, Tomás de Aquino discorre sobre a educação e seus benefícios para o homem:

Ora, o conhecimento preexiste no educando como potência não puramente passiva, mas ativa, senão o homem não poderia adquirir conhecimentos por si mesmo. E assim como há duas formas de cura: a que ocorre só pela ação da natureza e a que ocorre pela ação da natureza ajudada pelos remédios, também há duas formas de adquirir conhecimento: de um modo, quando a razão por si mesma atinge o conhecimento que não possuía, o que se chama descoberta; e, de outro, quando recebe ajuda de fora, e este modo se chama ensino (TOMÁS DE AQUINO, 2004, p. 31-32).

Como podemos observar no excerto acima, Tomás de Aquino afirma que o conhecimento está no homem sob a forma de potência, isto é, o homem vem ao mundo com a potencialidade para conhecer. O movimento para o ato de conhecer é realizado de duas formas: pela descoberta e pelo ensino.

O teólogo, mais a frente, explica como o professor ensina o seu aluno e o ajuda a chegar ao saber:

E é por isso que se diz que o professor ensina o aluno: porque este processo da razão – que a razão natural faz em si – é proposto de fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno – por meio do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda – atinge o conhecimento do que ignorava (TOMÁS DE AQUINO, 2004, p. 32).

O professor infunde conhecimento no aluno não no sentido – numérico – de que o mesmo conhecimento que está no mestre passe para o aluno, mas porque neste, pelo ensino, se produz

passando de potência para ato um conhecimento semelhante ao que há no mestre (TOMÁS DE AQUINO, 2004, p. 35).

Assim, conforme mestre Tomás, o professor não infunde em seu aluno a razão, que é o princípio do conhecimento e da reflexão no homem, mas o auxilia exteriormente por meio de sinais a desenvolver este princípio essencial. Deste modo, a educação se coloca como um processo determinante do amadurecimento do indivíduo enquanto ser dotado de razão. O bem e mal moral nas paixões da alma, nesse sentido, também depende da educação, pois é por ela que indivíduo cultiva a razão, elemento regulador das paixões.

Depois de refletirmos sobre a natureza moral das paixões da alma, prosseguiremos com o estudo sobre o amor. Por ser o amor a principal dentre as paixões da alma, as três primeiras Questões sobre as características particulares das paixões são dedicadas a ele. A Questão 26, intitulada *O amor*, trata da natureza do amor. A Questão 27, *As causas do amor*, aborda os elementos que causam esse sentimento. Por fim, a Questão 28, *Os efeitos do amor*, contempla as consequências do ato de amar.

O amor, segundo o autor, é a principal paixão da parte concupiscível (*ST*, I-II, q. 25, a. 2). As paixões do concupiscível são aquelas que têm o bem e o mal absolutos como objeto, isto é, elas tendem para o bem ou se afastam do mal, proporcionando deleite no primeiro e sofrimento no segundo (*ST*, I-II, q. 23, a. 1). Já as paixões do irascível são aquelas que se desenvolvem diante de alguma dificuldade encontrada pelo indivíduo em perseguir o que lhe parece algo bom e fugir do que pensa ser algo mau. Desse modo, as paixões do concupiscível e do irascível estão relacionadas na medida em que o concupiscível encontra algum obstáculo para a consecução de seu objeto. Tal dificuldade desperta a parte irascível. As paixões do concupiscível são: o amor, o desejo, a alegria, o ódio, a aversão e a tristeza. As paixões do irascível são: a esperança, o desespero, a audácia, o temor e a ira (*ST*, I-II, q. 26, a. 4).

No primeiro artigo da Questão 26, o teólogo/filósofo analisa se o amor pertence ou não à parte concupiscível. Inicia seu argumento discorrendo sobre as diferenças de apetite:

O amor é algo próprio do apetite, pois ambos têm o bem por objeto. Daí que segundo seja a diferença do apetite, tal é a diferença do amor. Ora, há um apetite não conseqüente à apreensão do que apetece, mas à de outrem, e este se chama apetite natural. As coisas naturais desejam o que lhes convém por natureza, não por apreensão própria, mas pela apreensão do autor da natureza, como se disse na I Parte. – Há, além disso, outro apetite conseqüente à apreensão do que apetece, mas por necessidade e não por um juízo livre, e tal é o apetite sensitivo dos animais irracionais, que nos homens participa de alguma liberdade, enquanto obedece à razão. – Enfim, há outro apetite conseqüente à apreensão do que apetece,

por um juízo livre, e tal é o apetite racional ou intelectivo, e este se chama vontade (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 26, a. 1, rep.).

Como podemos observar na passagem acima, Tomás de Aquino distingue três espécies de apetite. A diferença desses apetites reflete-se na diferença do amor, pois ambos têm o mesmo objeto: o bem. Desse modo, existe o amor natural que pertence ao apetite natural, mediante o qual o ser se inclina para o bem naturalmente, não necessitando de conhecimento e pensamento reflexivo. Existe, também, o apetite sensitivo que, diferentemente do anterior, exige certo grau de conhecimento proveniente dos sentidos corporais (visão, audição, olfato, paladar e tato). Esse apetite sensitivo é instintivo nos outros animais e no homem partilha da racionalidade, no sentido de que os sentidos estão relacionados à razão. Por fim, existe o apetite intelectivo, também chamado pelo autor de vontade, que decorre da apreensão e reflexão sobre o que é apetecível:

Ora, em qualquer destes apetites, chama-se amor o princípio do movimento que tende para o fim amado. No apetite natural, o princípio deste movimento é a conaturalidade do que apetece com o objeto para o qual tende, e pode ser chamado amor natural, como a mesma conaturalidade de um corpo pesado em relação ao seu centro se dá pela gravidade, e pode ser chamado amor natural. Do mesmo modo a mútua adequação do apetite sensitivo ou da vontade a um bem, isto é a complacência no bem se chama amor sensitivo, ou intelectivo ou racional. Logo, o amor sensitivo está no apetite sensitivo, como o amor intelectivo no apetite intelectivo. E pertence ao concupiscível porque se refere ao bem absolutamente, não sob o aspecto de árduo, que é objeto do irascível (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 26, a. 1, rep., grifo nosso).

O amor constitui-se, assim, como o princípio da ação, em todos os níveis de apetite. Com efeito, para que se alcance o fim, é preciso que primeiro o fim almejado seja tomado como algo conveniente e realizável, processo encerrado no conceito de amor. Desse modo, entendemos que esse sentimento, para Tomás de Aquino, refere-se à afinidade do ser com relação ao bem que ama, que pode ser, por exemplo, o dinheiro e/ou o conhecimento.

No âmbito do apetite intelectivo, de acordo com Tomás de Aquino, a preparação ocorre mediante o exercício do pensamento reflexivo e, por isso, difere do amor natural que é observado no apetite natural que espontaneamente identifica a compatibilidade, chamado de conaturalidade com o fim. Já no primeiro artigo podemos perceber a relação entre amor e saber, no sentido de que o apetite intelectivo deflagra uma espécie de ‘amor inteligente’, ou que pressupõe abstração por parte daquele que ama.

Diante dessas discussões, o teólogo/filósofo conclui afirmando que o amor está no concupiscível, pois se refere ao bem absolutamente. Isso significa que o amor é o sentimento que desperta o interesse do indivíduo por qualquer coisa diante da possibilidade de obter o fim desejado.

A concepção de bem que está presente na obra de Tomás de Aquino é diferente da que temos atualmente. O bem, para o teólogo, está relacionado à perfeição, ao ser enquanto ato consumado. O bem atrai o apetite e o move em sua direção. As pessoas podem inclinar-se para o mal, que é o contrário do bem, mas apreendendo-o sob a razão de bem, isto é, concebendo-o como um bem a ser buscado (NICOLAS, 2003, p. 75).

Esta discussão do bem enquanto objeto do amor é empreendida por Tomás de Aquino na Questão 27:

Como foi dito acima, o amor pertence à potência apetitiva que é uma força passiva. Por isso seu objeto se refere a ela como à causa de seu movimento ou ato. É preciso, pois, que aquilo que é objeto do amor seja propriamente a sua causa. Ora, o bem é o objeto próprio do amor, porque, como foi dito, o amor implica certa conaturalidade ou complacência do amante com o amado, e para cada um é bom o que lhe é conatural e proporcionado. Por conseguinte, o bem é a causa do amor (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 27, a. 1, rep.).

Observamos que o teólogo afirma que o amor está na potência apetitiva, que é uma força passiva. Isto é, o bem é causa do amor porque esta paixão implica “conaturalidade ou complacência do amante com o amado”, isto é, o amante sente-se atraído pela coisa amada como se ela fosse digna de ser buscada e possuída. O amante entende o amado como sendo proporcional a seu querer, a sua vontade.

Assim, o homem pode amar o mal, mas somente se apreendê-lo como um bem:

QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que o mal nunca é amado senão sob a razão de bem, isto é, enquanto é um bem relativo apreendido como um bem absoluto. Assim é mau o amor que não tende para o que é absolutamente o verdadeiro bem. É desta maneira que o homem ama a iniquidade, enquanto que por ela alcança um certo bem, como o prazer, o dinheiro ou coisa semelhante (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 27, a. 1, sol. 1).

Mestre Tomás explica que o mal só pode ser amado sob a razão de bem, ou seja, quando o amante sente o mal como se fosse um bem que pode satisfazer sua vontade. Observamos o exemplo dado pelo autor: o homem pode amar a iniquidade, que é má, porque sendo iníquo por alcançar prazer, dinheiro ou outras coisas que lhe satisfazem. Como pode, então, o indivíduo preparar-se para direcionar seu amor àquilo que é verdadeiramente bom?

Para isso, retomemos a Questão 24. As paixões da alma, conforme a análise de Tomás de Aquino, não são boas, nem más por natureza. Podem, sim, inclinar para a virtude como podem inclinar para o vício.

O agir conforme a virtude ou conforme o vício depende da razão. É pelo pensamento que o homem ama o bem ou o mal. É porque as paixões estão relacionadas com a razão que elas podem ser caracterizadas como boas ou más. Assim, o amor é bom quando ama o bem verdadeiro e mal quando ama um bem falso.

Nesse sentido, faz-se essencial um processo pelo qual o homem é preparado para o exercício do pensar. A educação, cumprindo a função de desenvolver as capacidades humanas de refletir e escolher, figura como algo determinante para o agir conforme a virtude, ou o vício. A educação não visa, no pensamento de Tomás de Aquino, o ensinamento de preceitos morais pré-estabelecidos. É evidente que, sendo um teólogo e frade mendicante, tendo nascido e vivido no Ocidente medieval, marcado pela presença da Igreja Católica, suas ideias e valores são eminentemente cristãos e ele não hesitaria em recomendar um modo cristão de se viver (OLIVEIRA, 2009). Contudo, o homem, para ele, não nasce plenamente capaz de garantir a própria sobrevivência. É preciso, pois, de um processo formativo pelo qual desenvolverá suas potencialidades, principalmente as faculdades do intelecto e da vontade, pelas quais pode exercer autoridade sobre seus sentimentos, encabeçados pelo amor.

Considerações finais

Como pudemos verificar, Tomás de Aquino considera que as paixões da alma devem ser moderadas pela razão, pela capacidade humana de refletir sobre as coisas. Além disso, observamos que o amor é a primeira dentre as paixões, configurando-se como o princípio da ação do homem, uma vez que as paixões são os movimentos que levam o homem a agir. Nesse sentido é o que o homem faz tudo por amor, conforme o teólogo afirma na Questão 27.

O amor, enquanto paixão, necessita da moderação da razão. É por esta vinculação com a razão que o amor pode ser moralmente bom ou mal. Ou seja, o amor em si não pode ser considerado bom ou mal, mas sim o que se ama e como se ama. Desse modo, o amor é bom quando é bem orientado pela razão e mal quando mal direcionado.

Ora, o homem, de acordo com o pensamento tomasiano, não nasce pronto e acabado, disposto a fazer despertar a razão no momento oportuno. O conhecimento está no homem em potência e é por meio do processo educativo que o homem o desenvolve, que opera o movimento de potência ao ato de conhecimento (TOMÁS DE AQUINO, 2004).

Assim, a educação na concepção de mestre Tomás configura-se como algo primordial para o homem agir, pois é por meio dela que desenvolve a razão e, por conseguinte, a capacidade de bem ordenar o amor.

Referências

- LAUAND, Introdução. In: TOMÁS DE AQUINO. *Sobre o ensino (De Magistro), os sete pecados capitais*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LE GOFF, J. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005.
- LE GOFF, J. Cidade. In: _____; SCHMITT, J.-C (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru : Edusc, 2006. p. 219-236. v. I.
- LE GOFF, J. As ordens mendicantes. In: _____. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 173-189.
- LIBERA, A. *A filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- NUNES, R. A. da C. Capítulo IX A escolástica. In: _____. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1979, p. 243-286.
- OLIVEIRA, T. Considerações sobre o caráter histórico da escolástica. In: _____ (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: EDUEM, 2002. p. 47-64.
- OLIVEIRA, T. *Escolástica*. São Paulo: Editora Mandruvá, 2005.
- OLIVEIRA, T. O ambiente citadino e universitário do século XIII: um *locus* de conflitos e novos saberes. In: _____ (org.). *Antiguidade e Medievo: Olhares Histórico-Filosóficos da Educação*. Maringá: Eduem, 2008.
- OLIVEIRA, T. O ensino da caridade: uma virtude para o bem-comum sob o olhar de Tomás de Aquino. *Notandum*, ano XI, n. 18, jul-dez 2008.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003. v. III.
- VERGER, J. Universidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru : Edusc, 2006. p. 573-588. v. II.

6.118.

Título:

Motivação acadêmica e a qualidade da educação superior: um estudo sobre os indicadores e variáveis motivacionais

Autor/a (es/as):

Santos, Bettina Steren dos [PUCRS]